

FUNARI, Pedro Paulo Abreu & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs.). *Política e Identidades no Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009, 252p.

Gregory da Silva Balthazar  
Graduação – PUC-RS  
Orientadora: Profa. Doutora Margaret Marchiori Bakos

A obra aqui resenhada, *Política e Identidades no Mundo Antigo*, organizada pelos professores Pedro Paulo Abreu Funari e Maria Aparecida de Oliveira Silva, publicada no ano corrente pela editora Annablume, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, trata de um assunto relevante na pesquisa histórica das últimas décadas: a relação existente entre o plano político e a formação de um modelo identitário.

A história política, após ter gozado de grande prestígio no desenrolar do século XIX, entrou em processo de declínio. Foi durante os anos de 1960 que os contatos entre as doutrinas do marxismo, que nesse período tiveram uma grande difusão na França, em particular, nas Escola dos Annales, resultaram no desinteresse pelo estudos relacionados à esfera política. As análises críticas centraram-se na estrutura do Estado, mostrando como este não era autônomo, sendo apenas um instrumento da classe dominante. Nessa perspectiva, o plano político perdeu paulatinamente a sua importância, passando a ser visto apenas com um reflexo do processo econômico.

Já o final da década de 1980 é marcado pelo processo de reabilitação da História Política, que tem em René Rémond seu maior expoente. Nesse contexto, com as novas tendências da História Cultural, as fronteiras que delimitavam o

campo do político ampliaram-se significativamente, incorporando novas dimensões e abrindo espaço para o surgimento de novos objetos de estudo, como o da construção das identidades.

Essa abertura do campo de estudo da história influenciou a descoberta da influência do plano político no âmbito do cotidiano que fomentou questionamentos sobre as transformações sociais vinculadas a uma redefinição do papel da política, antes reservado à esfera das instituições públicas e do Estado, agora deslocado para a esfera do mundo privado, do cotidiano, daí hoje a pesquisa histórica voltar-se para questões identitárias.

Nessas circunstâncias, a obra mostra que o estudioso da Antiguidade não está indiferente aos acontecimentos da atualidade, pois é a partir de sua visão de mundo que analisa a Antiguidade. Por meio das contribuições de diversos pesquisadores brasileiros, a obra aborda diferentes aspectos dos estudos da Antiguidade Oriental e Ocidental, mas que trazem em seu conteúdo um mesmo objetivo: tratar, em meio ao abundante movimento do campo dos poderes, sua relação com as construções identitárias.

Em uma abordagem sob a gênese do sincretismo identitário entre o deus Osíris e a figura do Faraó, a egiptóloga Margaret Marchiori Bakos, no capítulo *Eu Faraó. E Você?*, reflete sobre o papel que a escrita hieroglífica teve na construção de um abismo social entre o soberano do antigo Egito e seus súditos. A autora demonstra que havia aspectos que fortaleciam e fragilizavam a identidade socialmente construída para o Faraó, dependendo do momento da história egípcia.

No capítulo “A Percepção Grega da Fronteira na Magna Grécia: Literatura e Arqueologia em Diálogo”, de Pedro Paulo Funari e Airton Pollini, por meio do entrelaçar de duas fontes diferentes, a literária e a cultura material, os autores trabalham com as percepções de identidades nas regiões fronteiriças da Magna Grécia. Nessa perspectiva, utilizando o conceito *Frontier History*, empregado para explicar o processo de expansão no continente americano, os autores trabalham com

a ideia da existência de duas percepções diferentes de fronteiras nas colônias gregas: uma entre duas cidades gregas e outra relacionada às populações indígenas.

Ainda trabalhando com a questão da identidade construída pela percepção do outro, a autora Marina Regis Cavicchioli, no capítulo “A Formação de Pompeia Antiga: Identidade, Pluralidade e Multiplicidade”, a partir de uma extensa discussão historiográfica acerca da construção de uma identidade da Pompeia romana, realiza um estudo sobre os reinos e posteriormente o Estado italiano transformaram essa cidade em um símbolo do Mundo Romano, buscando, de acordo com o momento histórico, um discurso de legitimação.

Colocando em pauta dois gêneros literários, o cômico e o trágico, Gabriele Cornelli, sob o título “Platão Aprendiz do Teatro: A Construção Dramática da Filosofia Política de Platão”, evidencia o diálogo que a filosofia platônica instaura com estas formas de expressão artística. O texto parte da desconstrução da ideia de que, ao iniciar seu trabalho como filósofo, Platão teria recusado sua ligação inicial com a tragédia e a comédia. Assim, por meio das concepções platônicas de alma e de cidade, Cornelli discorre sobre os motivos que levaram este aprendiz de Sócrates a criticar a poesia.

Dentro da concepção de que o processo político interfere no processo de construção das identidades, Norma Musco Mendes, no texto “Política e Identidade em Roma Republicana”, analisa a interação do político com os contextos econômicos e culturais da sociedade romana. A autora defende a hipótese de que a cultura política do período republicano de Roma tem suas bases nas relações patriarcais, as quais se consolidaram com o desenvolvimento do poder pessoal da figura do *Princeps*.

A numismática marca metodologicamente o capítulo “O Império Romano e as Cidades da Judeia/Palestina: Um Estudo Iconográfico das Moedas”, de Vagner Carvalheiro Porto. Por meio da análise das moedas, o historiador estuda como se desenrolou o relacionamento de Roma com as cidades da Judeia/Palestina. Sob essa perspectiva, Porto trata dos aspectos de instrumentalização política da moeda na

política romana para justificar sua dominação sobre as províncias da Palestina, e a recepção das elites locais à política dos romanos e seus estratagemas de resistência a sua dominação.

Em “O Poder da Diferença: O Judaísmo como Problema para as Origens do Cristianismo”, Paulo de Souza Nogueira revela como a interpretação anacrônica das fontes levou à separação artificial e equivocada do cristianismo primitivo de sua matriz judaica. Em um primeiro momento, o autor faz considerações acerca dos equívocos metodológicos e de certas posturas anacrônicas na pesquisa bíblica; em um segundo momento, é evidenciado como ocorre a negação e posteriormente a idealização do judaísmo como base de uma identidade cristã.

No capítulo intitulado “*Império Romano e Identidade Grega*”, Norberto Luiz Guarinello discorre sobre aspectos fundamentais da política e da construção identitária do Império Romano: a sua *pluriethnicidade* e a sua pluriculturalidade. Quase que de forma dialogada, o historiador se utiliza do caso romano e seu processo de micro-globalização, com suas des/construções de identidades, como um meio útil de se entender alguns questionamentos impostos pela mutável estrutura social da atualidade.

Maria Aparecida de Oliveira Silva trabalha, no texto “Plutarco e os Romanos”, com as teorias de dominação cultural e política dos romanos sobre um grupo de intelectuais gregos da época imperial. O capítulo tem como mote central as discussões historiográficas, situadas entre os séculos XVIII e XX, acerca da obra plutarquiana e o conhecido processo de cooptação romano das elites locais.

Em “Política e Identidade nos Discursos de Dion Crisóstomo”, a autora Andréa Rossi estuda a obra de Dion Crisóstomo, relacionando a narrativa deste intelectual do século I d.C. às novas teorias sobre Análise do Discurso pensador do século I d.C. Dessa maneira, a autora estabelece relações entre as práticas políticas nos primeiros séculos do Império Romano e a construção das identidades culturais das províncias, mais especificamente no Ponto, região da Bitínia.

Lourdes Feitosa e Glaydson José da Silva fecham a coletânea com o capítulo: “O Mundo Antigo sob Lentes Contemporâneas” que se encontra dividido em duas partes. Na primeira delas, Feitosa e Silva, por intermédio de um interessante diálogo entre a História Antiga e Contemporânea, tecem considerações gerais a respeito de como a mídia brasileira trata o tema da sexualidade romana, apresentado notícias que demonstram o quanto o debate é acalorado e repleto de contradições. Já na segunda parte, tratam da apropriação dos valores da Antiguidade clássica pela França, destacando como os grupos políticos de direita e de extrema direita realizaram a reapropriação da cultura antiga para justificar as práticas autoritárias de seu tempo.

A meu ver, o ponto alto da presente coletânea é a sua perspectiva interdisciplinar. Além disso, a leitura diacrônica dos autores que analisam as questões identitárias do mundo antigo dialogando com as inquietações de nosso tempo. Tal estrutura nos permite pensar as sociedades antigas como algo vivo na nossa cultura. Assim, o livro constitui-se em um espaço que instiga o leitor a compreender e buscar novos caminhos para o estudo e a pesquisa da História Antiga.



Recebido para publicação em Agosto de 2009  
Aprovado para publicação em Setembro de 2009